

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5790 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 17 - Educação Ambiental

**ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A CONSTRUÇÃO DE SABERES PELO  
VIÉS DA ECOFENOMENOLOGIA**

Sonia Mara Samsel Geraldo - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Valéria Ghislotti Iared - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/PROEX

**ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL:  
A CONSTRUÇÃO DE SABERES PELO VIÉS DA ECOFENOMENOLOGIA**

Quando um trem parte da estação iniciando sua jornada, as expectativas dos passageiros começam a tomar forma. Cada viajante tem seu próprio sentimento, anseios e propósitos com relação à viagem, mas somente na chegada saberá quais experiências o percurso proporcionou, como foi vivido e sentido. Entre a saída e a chegada, existe uma experiência, não apenas de olhar a paisagem, mas do sacolejar do trem, dos aromas e sons, do calor ou frio, do conforto ou desconforto, trocas e interações, sentimentos e emoções. Uma experiência única, que transcende palavras. Como na pintura de Claude Monet (FIGURA 1), pintor impressionista que buscava capturar impressões sensoriais de cor, luz e movimento, representando o trem na estação envolto em névoa, velando a imagem e dando margem à imaginação sobre as incertezas da viagem.

FIGURA 1 - ESTAÇÃO DE SAINT-LAZARE – CLAUDE MONET



FONTE: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/a-estacao-de-saint-lazare-claude-monet/>>. Acesso em 02/04/2020.

A narrativa da experiência da viagem no trem pode ser deslocada para as artes visuais, pois entre a intenção do artista em produzir uma obra e a obra terminada, existe a elaboração desse trabalho, as escolhas do material, das cores, estruturas e os percalços. E entre a obra acabada e o receptor, está a experiência estética (para esse estudo, estética está relacionada com a palavra grega *aisthesis*, considerada como a faculdade de sentir, a compreensão pelos sentidos) que dá significados ao trabalho artístico e “a esse interlocutor é que cabe a recepção da obra de uma forma própria e pessoal” (ZAMBONI, 1998, p. 8).

A arte mostra sua capacidade de aflorar sensações, de sensibilizar e de trazer à tona questões subjetivas a ponto de as palavras serem insuficientes ou imprecisas, pois “a arte é uma forma de conhecimento, que nos capacita a um entendimento mais complexo e de certa forma mais profundo das coisas” (ZAMBONI, 1998, p. 21). Como, então, sensibilizar para a educação ambiental, tema tão imperativo, através das artes visuais sob o viés da ecofenomenologia? A resposta pretendida segue a subjetividade, pelo entendimento peculiar de cada indivíduo, senciente, perceptivo, e também pela objetividade, pelas relações nesse espaço de vida que absorve indissociavelmente todos os seres humanos com os não humanos (entendendo não humanos de forma abrangente - outros seres vivos, não vivos, objetos, utensílios, personagens, instituições), ou seja, “um engajamento no mundo e uma educação da percepção para as múltiplas possibilidades dos organismos humanos e não humanos de existir e de estar no mundo” (STEIL; CARVALHO, 2012, p. 32). As artes visuais podem contribuir nessa trajetória pois “aquilo que chamamos ‘obras de arte’ não é fruto de uma atividade misteriosa, mas são objetos feitos por seres humanos para seres humanos” (GOMBRICH, 1972, p.12). Embriagar-se de sensações, perceber tudo que está ao redor, envolvendo-se, transformando-se, afetando e sendo afetado e, a partir de então, desconstruir, reconstruir e reorientar o olhar. “A arte, portanto, prefigura-se nos próprios processos de viver” (DEWEY, 2010, p. 92). Assim, arte e vida em correspondência, em interação e integração com a natureza.

A experiência da pesquisadora também faz parte da investigação, pois se afetamos e somos afetados em nosso existir, não concebo a pesquisa sem me transformar no processo. Carvalho et al. (2012) afirmam que “o ambiente faz parte do mundo de nossa experiência” e ter essa percepção é fundamental para as escolhas metodológicas nesse caminhar.

A investigação perpassa um curso de extensão universitária em rede municipal de ensino para dezessete profissionais da educação, onde novos conceitos, autores e as relações com as artes visuais e formação docente buscam o aprofundamento teórico e prático – abandonando interpretações ingênuas e modismos – e pode conferir ao profissional que atua na escola, condições de discutir a temática, inseri-la em sua práxis e fundamentalmente incorporá-la ao seu cotidiano. De acordo com Paulo Freire, “tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço.” (2016, p. 101). Nesse viés, para que os objetivos intencionados de uma educação ambiental efetiva, sensibilizadora e corporificada sejam atingidos,

é necessário entender que a arte não só é conhecimento por si só, mas também pode constituir-se num importante veículo para outros tipos de conhecimento humano, já que extraímos dela uma compreensão da experiência humana e dos seus valores (ZAMBONI,

A arte prefigura um importante caminho para a educação ambiental com uma abertura para novos olhares e experiências, unindo materiais, emoções, sensações e valores.

FIGURA 2 – PAISAGEM COM CARRUAGEM E TREM – VAN GOGH



FONTE: <<https://www.wikiart.org/pt/vincent-van-gogh/landscape-with-carriage-and-train-1890>>. Acesso em 08/04/2020.

Na obra de Van Gogh (FIGURA 2) o artista pós-impressionista que “usou cores e formas para transmitir o que sentia” (GOMBRICH, 1972, p. 438) apresenta um trem seguindo seu rumo, não saindo dos trilhos, cumprindo seu propósito, pronto para enfrentar as adversidades que porventura possam aparecer, mas se integrando ao belo cenário. Assim como a jornada da pesquisa, que, como mencionado, compreende um curso de extensão, constituindo-se de 30 horas e em andamento e que tem em seu conteúdo o suporte legal para que os profissionais possam atuar nas escolas com o embasamento em teorias e movimentos artísticos contemporâneos, tirando a arte de dentro dos museus e galerias e aproximando-a do cotidiano.

Os momentos em que a criatura está mais viva, assim como mais composta e concentrada, são os de interação mais plena com o ambiente, aqueles em que o material sensorial e as relações se fundem de maneira mais completa. A arte não ampliaria a experiência caso recolhesse o eu no eu e a experiência resultante dessa reclusão tampouco seria expressiva. (DEWEY, 2010, p. 211)

O potencial transformador da arte na formação de indivíduos capazes de pensar e entender suas afeições e disposições pessoais, alimenta conjuntamente seu poder imaginativo

para o enriquecimento interior e a estruturação de novos pensamentos e formas de ser/estar no mundo. A dimensão estética~ética~política (o uso o til representa o entendimento da indissociabilidade das dimensões) da educação ambiental, assim como caminhadas pela região, também fazem parte do curso, com intuito de (re)estabelecer vínculos, quebrar a dicotomia ser humano/natureza, estimular o aparato de percepção e proporcionar atividade de imersão na natureza, entendendo que “nunca podemos falar de natureza sem, ao mesmo tempo, falarmos sobre nós mesmos” (ZAMBONI, 1998, p.18).

Quando o trem está seguindo seu caminho, não pode sair dos trilhos, pois se isso acontecer, gera um acidente. Na pesquisa é necessário também seguir um caminho, ter instrumentos para a coleta de dados e elementos para responder às questões da pesquisa. Obviamente que desvios podem acontecer, mas tem que se tomar cuidado para não "sair dos trilhos". Nessa perspectiva, a coleta de dados se dará através da realização de um mapa artístico, que consiste na elaboração de um mapa físico do trajeto de uma das caminhadas (FIGURA 3), que será desenvolvido individualmente por todos/as os/as participantes, não apresentando apenas o percurso, mas também as percepções, emoções e apreensões que a deambulação proporcionou. Mapas, para este estudo, são:

considerados como parte integrante da família mais abrangente das imagens carregadas de um juízo de valor, deixando de ser percebidos essencialmente como levantamentos inertes de paisagens morfológicas ou como reflexos passivos do mundo dos objetos. Eles são considerados imagens que contribuem para o diálogo num mundo socialmente construído (HARLEY, 2009, p. 02).

Elaborados de forma criativa e com a sugestão do uso de colagens, fotografias, desenhos, etc., os mapas servirão para identificar “os olhares” de cada participante, suas percepções, experiência estética e engajamento sobre o ambiente percorrido, (que foi diverso, passando por entre área urbana e mata nativa) pois “[...] o corpo e a consciência não se limitam um ao outro, ele só podem ser paralelos” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 174).

FIGURA 3 - CAMINHADA PELA REGIÃO



FONTE: A autora (2020)

O diário de bordo será outro elemento para compor o *corpus* de análise, elaborado ao longo da formação, contendo as discussões, reflexões e práticas viabilizadas pelo curso, tanto no âmbito profissional como pessoal. Todo envolvimento dos/as participantes no curso (nas rodas de conversa, práticas artísticas e debates) também são contributos para reflexões, argumentações, considerações e dados da pesquisa. Entendemos assim a participação ativa como fonte para os passos seguintes (escolha de tópicos e realização de práticas artísticas), não prefigurando um curso pronto, mas em construção, em movimento dialético: “o movimento da existência em direção ao outro, em direção ao futuro, em direção ao mundo pode recomeçar, assim como um rio degela” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.228).

A passagem de nível nos chama a atenção para os sentidos (FIGURA 4). E nos rumos desta pesquisa, vislumbra novos significados. Pare, não no sentido de paralisia, estagnação, mas de mudança de foco, de ficar atento, de abertura para novas questões. Olhe, não apenas para enxergar com os olhos, mas adentrar a imensidão dos sentidos, ampliando o ato de olhar para muito além da visão, levando a um descerrar do e ao mundo, entendendo que “meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo e nele me põe em situação” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 228). Escute com os ouvidos e com o coração porque “a existência corporal que crepita através de mim sem minha cumplicidade é apenas o esboço de uma verdadeira presença no mundo.” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 229). Integralmente engajado à natureza, não passando por ela, mas a ela pertencendo. Com essa apropriação, as reflexões sobre a pesquisa e suas contribuições ainda não estão definidas. O percurso está traçado, a revisão bibliográfica delineada, já "saí da estação" e estou a caminho. Mas ainda não cheguei ao destino. As questões iniciais estão sendo estudadas, as investigações em andamento, muitas perguntas ainda sem resposta e muitas experiências as serem vivenciadas.

FIGURA 4 - PASSAGEM DE NÍVEL



FONTE: <[https://onerpm.com/disco/album&album\\_number=739248212](https://onerpm.com/disco/album&album_number=739248212)>. Acesso em: 02/04/2020.

Então, as significações, as experiências, dados e resultados ainda estão por vir, mas o caminho está sendo percorrido, as intenções e ações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa estão “nos trilhos”, reflexões e posicionamentos em constante construção, pois o pensamento “só deixa de ser a decisão abstrata de um pensador e se torna uma realidade histórica se se elabora nas relações inter-humanas e nas relações do homem com seu ofício” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 597). E assim como a construção de um texto que dialoga com imagens e obras artísticas é uma trajetória que envereda para um modo diferente de entrelaçar conteúdos e conceitos, a pesquisa busca um novo olhar sobre as relações artes visuais/educação ambiental. E “bora” até a próxima estação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-humano. Experiência Estética. Estudos Móveis.

## **REFERÊNCIAS**

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

HARLEY, B. Mapas, saber e poder. **Confins** (online), n. 5, 24 abril 2009. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/agosto2011/geografia\\_artigos/6art\\_ma](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/agosto2011/geografia_artigos/6art_ma)> Acesso em: 02/04/2020.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M. (Orgs.). **Cultura, percepção e ambiente**. Diálogos com Tim Ingold. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome e CAPES, 2012.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.